As Fadas

Charles Perrault

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez uma viúva que tinha duas filhas: a mais velha se parecia tanto com ela no temperamento e no rosto que quem a via via a mãe. As duas eram tão desagradáveis e tão orgulhosas que não se podia viver com elas. A caçula, que era o retrato do pai pela doçura e pela cortesia, era, além disso, uma das moças mais belas que se poderia ver. Como se ama naturalmente quem se parece conosco, essa mãe era louca pela filha mais velha e, ao mesmo tempo, tinha aversão à caçula. Fazia com que ela comesse na cozinha e trabalhasse sem parar.

Entre outras coisas, essa pobre criança tinha de ir duas vezes por dia buscar água a uma boa meia légua de casa e trazer uma grande bilha cheia. Um dia, quando estava nessa fonte, veio até ela uma pobre mulher que lhe pediu que a deixasse beber. — Pois não, minha boa mãe — disse a bela moça; e, enxaguando imediatamente a bilha, tirou água do melhor lugar da fonte e a ofereceu à mulher, sustentando sempre a bilha para que ela bebesse com mais facilidade. Depois de beber, a boa mulher lhe disse: — Você é tão bela, tão boa e tão cortês que não posso deixar de lhe dar um dom. — Pois era uma fada que havia tomado a forma de uma pobre mulher da aldeia para ver até onde iria a cortesia daquela jovem. — Eu lhe dou por dom — continuou a fada — que, a cada palavra que disser, sairá de sua boca uma flor ou uma pedra preciosa.

Quando a bela moça chegou em casa, a mãe a repreendeu por voltar tão tarde da fonte. — Peço-lhe perdão, minha mãe — disse a pobre moça —, por ter demorado tanto. — E, ao dizer essas palavras, saíram de sua boca duas rosas,

duas pérolas e dois grandes diamantes. — O que estou vendo? — disse a mãe, toda espantada. — Creio que estão saindo de sua boca pérolas e diamantes. De onde vem isso, minha filha? — Foi a primeira vez que ela a chamou de sua filha. A pobre criança lhe contou ingenuamente tudo o que lhe havia acontecido, sem deixar de lançar uma infinidade de diamantes. — Ora essa — disse a mãe —, é preciso que eu mande minha filha até lá. Veja, Fanchon, o que sai da boca de sua irmã quando ela fala. Você não ficaria muito contente de ter o mesmo dom? Basta ir buscar água na fonte e, quando uma pobre mulher lhe pedir de beber, dar-lhe com muita cortesia.

— Seria bonito me ver indo à fonte! — respondeu a grosseira. — Quero que você vá — replicou a mãe —, e agora mesmo. — Ela foi, mas reclamando o tempo todo. Pegou o mais belo frasco de prata que havia na casa. Mal havia chegado à fonte, viu sair do bosque uma dama magnificamente vestida, que veio lhe pedir de beber. Era a mesma fada que havia aparecido à irmã, mas que tomara a aparência e os trajes de uma princesa para ver até onde iria a descortesia daquela moça. — Será que eu, eu vim aqui — disse-lhe a grosseira orgulhosa — para lhe dar de beber? Foi justamente para dar de beber à senhora que trouxe um frasco de prata? Ah, está bem! Beba diretamente, se quiser. — Você não é muito cortês — respondeu a fada, sem se encolerizar. — Pois bem, já que é tão pouco prestativa, eu lhe dou por dom que, a cada palavra que disser, sairá de sua boca uma serpente ou um sapo.

Assim que a mãe a avistou, gritou-lhe: — E então, minha filha? — E então, minha mãe — respondeu a grosseira, lançando duas víboras e dois sapos. — Oh, Céu! — exclamou a mãe. — O que estou vendo? A culpa é de sua irmã; ela vai me pagar! — E imediatamente correu para bater nela. A pobre criança fugiu e foi se refugiar na floresta próxima. O filho do rei, que voltava da caça, encontrou-a e, vendo-a tão bela, perguntou-lhe o que fazia ali sozinha e por que chorava. — Ai, senhor! Foi minha mãe que me expulsou de casa. — O

filho do rei, que viu sair de sua boca cinco ou seis pérolas e outros tantos diamantes, pediu-lhe que dissesse de onde vinha aquilo. Ela lhe contou toda a sua aventura. O filho do rei se apaixonou por ela e, considerando que tal dom valia mais do que tudo o que se poderia dar a outra pessoa em casamento, levou-a ao palácio do rei, seu pai, onde se casou com ela. Quanto à irmã, fez-se tão odiada que a própria mãe a expulsou de casa; e a infeliz, depois de muito andar sem encontrar ninguém que quisesse acolhê-la, foi morrer junto a um bosque.

MORALIDADE.

Os diamantes e as pistolas de ouro,
Podem muito sobre os espíritos;
No entanto, as doces palavras
Têm ainda mais força e são de maior valor.

Outra moralidade.

A cortesia custa cuidados,
E exige um pouco de complacência,
Mas cedo ou tarde tem sua recompensa,
E muitas vezes quando menos se pensa nela.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/as-fadas-charles-perrault